



ANDRÉ DIAS/20
17

FILOSOFIA DA PSICOLOGIA DE LUDWIG WITTGENSTEIN: AS PALAVRAS NO FLUXO DA VIDA



Arturo Fatturi

Resumo:

Apresentamos uma tentativa de esclarecer alguns pontos básicos a filosofia da psicologia de Ludwig Wittgenstein. O objetivo é esclarecer os pressupostos da investigação de Wittgenstein nesta área. Buscamos mostrar os objetivos da filosofia da psicologia e sua relação com os usos dos conceitos psicológicos na vida cotidianas, a fim de compreender expressões que visam descrever emoções e sentimentos. Primeiramente, apresentamos algumas das dificuldades impostas pelo texto de Wittgenstein. Em seguida, propomos algumas soluções plausíveis. Tentamos mostrar que a classificação dos conceitos psicológicos como “expressivos” apenas pode trazer clareza quanto aos usos dos mesmos, se forem considerados nos jogos de linguagem que envolvem nossa compreensão das ações relacionadas às circunstâncias ordinárias da vida e uso dos mesmos e não como base de possíveis teorias explicativas. Os conceitos psicológicos devem ser analisados nas circunstâncias em que são utilizados que são, por sua vez, o fluxo da vida.

Palavras-chave:

Wittgenstein; linguagem; filosofia; psicologia; mundo interior.

Abstract:

We present an attempt to clarify some basic points of Ludwig Wittgenstein's philosophy of psychology. The aim is to clarify the assumptions of Wittgenstein's research in this area. We seek to show the objectives of the philosophy of psychology and its relationship with the uses of psychological concepts in everyday life in order to understand expressions that aim to describe emotions and feelings. First, we present some of the difficulties imposed by Wittgenstein's text. Next, we propose some plausible solutions. We try to show that the classification of psychological concepts as “expressive” can only bring clarity to their uses, if they are considered in the language games that involve our understanding of actions related to the ordinary circumstances of life and use, and not as a basis of possible explanatory theories. Psychological concepts must be analyzed in the circumstances in which they are used, which are, in turn, the flow of life.

Keywords:

Wittgenstein; Language; philosophy; psychology; inner.

Psychological concepts are just everyday concepts. They are not concepts newly fashioned by science for its own purposes, as are the concepts of Physics or chemistry.

Ludwig Wittgenstein (RPPii, §62)

1.

A filosofia da psicologia de Ludwig Wittgenstein é um tema complexo, uma vez que não apresenta teses, hipóteses ou explicações que possam facilmente ser estabelecidas. Antes, seus escritos sobre filosofia da psicologia são explorações dos usos dos conceitos psicológicos. Os conceitos, tais como “dor”, “pensamento”, “expectativa” são apresentados em suas aplicações em vários exemplos e Wittgenstein explora os resultados dos diferentes aspectos de cada exemplo. No entanto, antes de interpretar estes escritos como uma investigação inacabada ou que o autor abandonou, deve-se considerar que o texto de Wittgenstein é um retrato, por assim dizer, do estado de desenvolvimento de uma investigação conceitual que ele estava elaborando. Logo, os textos são o que se pode denominar como “obra em progresso”. Mesmo o texto que foi publicado sob o título de *Investigações Filosóficas* deve ser considerado desta forma: uma obra em progresso.

Este aspecto da filosofia de Wittgenstein sempre foi motivo de controvérsia entre os filósofos e as pessoas que, por alguma razão, se aventuram em sua filosofia. Isto se mostra no fato de que ele próprio apenas preparou para publicação o manuscrito do *Tractatus Logico-Philosophicus*, já que os demais textos publicados com seu nome são frutos do trabalho de editores, os quais ou foram seus alunos durante seu período como professor na Universidade de Cambridge ou eram professores em outras universidades que frequentavam suas aulas. Seja como for, uma alegação contra a filosofia de Wittgenstein é a de que sempre se necessita exercer algum esforço interpretativo quanto aos textos e quanto à continuidade dos pontos de vista discutidos em cada texto.

Wittgenstein não foi um filósofo tradicional, isto é, alguém treinado nas tarefas da filosofia acadêmica que exige certas regras de publicação, convívio e discussão. Seu estilo de escrever sempre foi mais literário que explicitamente argumentativo, tal como é o padrão acadêmico. Esta característica é acrescida pela complexidade de seus manuscritos e datiloscritos, uma vez que estava sempre organizando os grupos de textos escritos sob várias formas ou conjuntos. Assim, é mais adequado dizer que os títulos das publicações denominam certas coleções de determinados escritos.

Contudo, dado o que já se conhece de seu processo de escrita, se ele continuasse a revisar, certamente elaboraria uma coleção diferente de observações, mudaria a ordem

das seções, acrescentaria ou suprimiria seções completas e, com isto, se teria agrupamentos de textos diferentes. Alguns escritos que fazem parte das publicações foram acrescentados pelos editores, já que os encontraram no mesmo conjunto, ainda que não se tenha uma indicação de Wittgenstein de que deveriam ser publicados numa mesma obra ou em separado. Este é, por exemplo, o caso da Segunda Parte do texto das *Investigações Filosóficas*. Tal situação inspirou alguns projetos editoriais a fim de estabelecer alguma ordem nos escritos que Wittgenstein legou ao mundo filosófico. Atualmente, há um projeto editorial, localizado na Universidade de Bergen, (Noruega) que apresenta bastante sucesso para estabelecer a padronização nos escritos que até agora estão disponíveis.

Este contexto se deve, por um lado, à forma com que Wittgenstein organizou ou deixou seus escritos e, por outro, deve-se considerar que a forma com que escreveu sua filosofia apresenta um caráter também literário, em que várias formas ou estilos são usados. Ou seja, quanto a este último ponto, deve-se considerar que a leitura dos escritos exige bastante do leitor, de modo que somos apresentados a ideias através de exemplos e da discussão de resultados parciais ou a possibilidades de resultados com base nestes mesmos exemplos.

Normalmente, quando uma possível conclusão é apresentada, Wittgenstein passa a considerá-la sob outro ponto de vista; as seções não apresentam uma clara continuidade argumentativa e, muitas vezes, a linha de raciocínio que o conduziu até uma possível conclusão é retomada e toma outra direção. Obviamente que estes aspectos também apresentam dificuldades para o leitor que espera encontrar escritos acadêmicos e, na mesma medida, para o pesquisador que deseja considerar os argumentos de Wittgenstein a partir de certo ponto de vista. O caso do presente ensaio não será muito diferente disto e, como é comum nos estudos da filosofia de Wittgenstein, o leitor poderá encontrar outros pontos de vista que partem de bases interpretativas diferentes.

Esta introdução quanto às dificuldades do texto e do estilo de escrita de Wittgenstein não deve ser considerada como uma desculpa para a apresentação de um texto superficial, mas como a explicitação de um ponto de partida. Considera-se que o tema da Filosofia da Psicologia se apresenta como uma exploração ou investigação conceitual e não como um amontoado de escombros ou partes desconexas de uma construção teórica inacabada que devem ser colocados em certa ordem. Considera-se que a discussão de Wittgenstein sobre o tema e a forma como ele as apresenta são deliberadas.

Se notarmos as várias remissões que Wittgenstein faz em seus escritos ao tema da psicologia, fica claro que ele conhecia as discussões teóricas e experimentais neste campo de estudos. Exemplo disto é que, ao final da segunda parte do texto das *Investigações Filosóficas*, ele faz um comentário quanto à confusão conceitual da psicologia e a existência de vários

métodos experimentais. Ao mesmo tempo, também se sabe que ele demonstrava interesse pela obra *Principles of Psychology*, de William James, sobre a psicologia, ainda que muito mais pelas afirmações filosóficas de James - as quais considerava inspiradoras em razão de serem metafísicas - do que por suas teorias explicativas oriundas de experimentações.

Deve-se lembrar também que, durante a segunda grande guerra mundial, Wittgenstein prestou serviço de guerra como enfermeiro em um hospital que recebia soldados feridos nas batalhas. Estes soldados apresentavam vários problemas físicos e psíquicos devido aos combates e ao morticínio nas batalhas. Portanto, ele conhecia os procedimentos psiquiátricos e a aplicação de metodologia psicológica para o tratamento dos traumas e ansiedades vivenciados pelos soldados.

Será necessário traçar um certo caminho investigativo que permita a discussão dos conceitos psicológicos e não, como já deve estar claro até aqui, encontrar algum tipo de teoria na qual se possa inserir as considerações de Wittgenstein. Neste ponto, encontram-se alguns caminhos plausíveis: primeiramente, pode-se traçar a relação entre a investigação dos conceitos psicológicos e a investigação conceitual que Wittgenstein realiza nas *Investigações Filosóficas* e, com base nisso, buscar esclarecer como se dá a compreensão dos conceitos psicológicos; outro caminho plausível seria: partir de certas passagens, que se pode encontrar em conjuntos de textos, e tentar esclarecer como ele procede no tratamento dos conceitos psicológicos.

Neste segundo ponto encontramos certas observações nos dois volumes das *Remarks on the Philosophy of Psychology* (RPPi e RPPii) e no volume 2 de *Last Writings on the Philosophy of Psychology* (LWPPi e LWPPii). Estes dois conjuntos de textos apresentam certos desenvolvimentos quanto aos conceitos psicológicos que permitem compreender como Wittgenstein tratava o tema. No entanto, é no texto de *LWPP* que ele fornece uma investigação mais longa. Mesmo assim, não se deve esperar um tratamento teórico, e, sim, uma análise conceitual das nuances de uso dos conceitos psicológicos e o que aprendemos com a mesma. Outro aspecto a ser ressaltado é o de que estes volumes são publicações posteriores ao texto das *Investigações Filosóficas*, embora tenham sido escritos durante a preparação dos escritos que constituem a Parte 2 do texto. São, portanto, “observações” preparatórias que posteriormente Wittgenstein selecionou para publicação.

Uma outra opção consistiria em compreender como Wittgenstein trata a questão dos conceitos que fazem referência ou visam fazer referência aos estados interiores. Conceitos como os de “dor”, “pensar”, “intenção” e outros, que parecem indicar que algum processo interior ou mental está ocorrendo. Poder-se-ia começar analisando os resultados da discussão quanto à privacidade do significado que ocorre nas seções 243 até 315 do texto das *Investigações Filosóficas*. Nestas seções, Wittgenstein analisa a possibilidade

de que certos usos de nossos conceitos visam significar experiências e processos que, assim se concebe, ocorrem no mundo interior. A proposta surge logo após a análise do conceito de “seguir regras”, que se localiza entre as seções 185 e 242. O resultado desta análise, resumidamente, é que aplicamos nossas palavras através de regras de emprego e o significado das mesmas depende de como são empregadas em diferentes jogos de linguagem. Ao mesmo tempo, a prática de emprego inclui as ações que se realiza ao empregar estes conceitos.

Portanto, perguntar “qual o significado do conceito X?” implica buscar definir apenas uma parte das possibilidades de emprego do conceito. A prática de usar as palavras é uma ação e não a simples exibição e definição de um símbolo (no caso, o conceito X). Isto quer dizer que sentido, significado, compreensão e referência do conceito estão intrincados em suas diferentes aplicações. Ora, a discussão da possibilidade da linguagem privada diria respeito aos significados das palavras que visam comunicar algo do mundo interior e das sensações, a partir de um modelo de definição dos conceitos. A discussão diz respeito, então, à compreensão da aplicação de nossas palavras quando elas visam dizer algo, ou quando se pretende dizer algo, sobre o mundo interior e, nesse sentido, os significados dos conceitos apenas seriam acessíveis a quem pudesse observar ao que os conceitos se referem.

Entretanto, mesmo estas palavras devem seguir regras de emprego e estas, por sua vez, não são regras privadas, uma vez que o falante as aprendeu através dos mesmos métodos que todas as outras pessoas. Logo, os critérios de correção do emprego dos conceitos devem ser públicos, isto é, uma linguagem privada seria impossível, já que seu originador teria de seguir regras acessíveis a qualquer pessoa, sob o risco de sua linguagem ser incompreensível, para ele mesmo. Assim, o que força a ideia da privacidade do significado é, na verdade, a imagem que se adota quanto ao que seja o mundo interior de uma pessoa: um âmbito privado, particular e do qual apenas seu possuidor poderia afirmar qualquer coisa com conhecimento. Dessa maneira, a questão agora passa a ser explorar a imagem de mundo interior que serviu de critério para a consideração quanto à possível privacidade do significado. Mas o texto das *Investigações Filosóficas* não apresenta conclusões programáticas. Diferentemente disso, apenas diz que uma linguagem privada seria impossível.

Não obstante, deve-se considerar que o texto das *Investigações* não é uma investigação acabada, tal como foi dito no início deste ensaio, mas um conjunto de textos que reflete o estágio do pensamento de Wittgenstein sobre vários temas conexos naquele momento da preparação dos escritos. Ora, os textos sobre a filosofia da psicologia são desenvolvimentos daqueles mesmos temas iniciados nas *Investigações Filosóficas*, mas com uma orientação diferente, qual seja, a análise dos conceitos psicológicos.

2.

A principal dificuldade que se encontra nas discussões de Wittgenstein quanto ao que denominou por filosofia da psicologia é a ausência de sistematização, isto é, não se encontra um ponto básico que tenha sido teoricamente mostrado e do qual se pode apreciar todo um desenvolvimento posterior. No entanto, tal característica é proposital, visto que Wittgenstein não propõe teorização alguma quanto ao significado, para só então principiar alguma investigação quanto à psicologia. Este é um dos aspectos mais chocantes para o leitor contemporâneo de estudos e investigações de filosofia da mente: as referências de Wittgenstein, ao que parece, são de alguma versão do Behaviorismo, predominante em seu tempo (anos 1940), ou, como foi dito mais acima, o manual de psicologia de William James.

Entretanto, na afirmação do último capítulo das *Investigações Filosóficas*, através da qual distingue a confusão conceitual da existência de uma variedade de métodos experimentais, pode-se perceber qual o direcionamento de suas investigações na psicologia, a saber: a investigação deve ser conceitual e não empírica. Wittgenstein considerava que as investigações conceituais se constituem na orientação das investigações em filosofia. Mesmo assim, encontramos algumas tentativas de sistematização. Uma primeira tentativa aparece em *RPPi* no momento em que Wittgenstein se questiona se deve tratar todos os conceitos psicológicos como conceitos de fenômenos e, assim, todo o campo da psicologia como marcado por experiências. Contudo, ele abandona esta tentativa sem maiores desenvolvimentos. Uma segunda tentativa aparece em *RPPii*, no qual Wittgenstein considera a elaboração de alguma sistematização quanto a estes conceitos. Na seção 63, por exemplo, ele pondera o seguinte:

Plano para tratamento dos conceitos psicológicos. Verbos psicológicos caracterizados pelo fato de que a terceira pessoa do presente pode ser identificada por observação, a primeira pessoa não. Sentenças em terceira pessoa do presente: informação. Na primeira pessoa do presente, expressão.

No entanto, ao final da passagem ele agrega as seguintes palavras “não de todo correto”, e, a partir disto, passa a distinguir e analisar diversos jogos de linguagem com certos conceitos. Por exemplo, os conceitos de pensamento, emoção e sentimento. Esta estratégia é a mesma que se percebe na sua análise da possibilidade de uma linguagem privada, na qual não ataca diretamente a possibilidade em questão, mas, através da análise dos usos dos conceitos que fazem parte da possibilidade, demonstra que tal linguagem não

teria sentido. O que tal análise nos permite compreender, num primeiro momento, é que Wittgenstein não se utiliza da *introspecção*¹ como método de análise dos conceitos, uma vez que a introspecção apenas faria sentido num contexto em que certo tipo de definição é adotado, a saber, a definição ostensiva e que, em segundo lugar, se supõe a existência de um âmbito a ser conhecido ou observado pela introspecção. Nesse viés, definir o conceito de “intenção” por meio da introspecção implicaria definir ao que a palavra se refere, qual estado ou evento o sujeito introspecta em seu mundo interior. Ou seja, tal método, para ser plausível, consistiria em realizar uma definição ostensiva, na qual o objeto designado seria um “objeto mental”.

Ora, lembrando a ordem argumentativa, nas primeiras seções das *Investigações* ele já havia demonstrado que a definição ostensiva traz consigo vários problemas e que, portanto, não se deve tratá-la como padrão de definição. Normalmente, considera-se que a definição ostensiva é a “ligação” de um conceito com algum objeto da realidade, mas apenas apontar para um objeto que esta ou aquela palavra designaria não fornece clareza sobre como a palavra deve ser usada. A partir disso, seguindo o texto das *Investigações*, tem-se a discussão sobre a ideia de que se usa as palavras através de regras de aplicação para as mesmas e estas regras, por sua vez, estão contidas, por assim dizer, no próprio aprendizado da relação para com a linguagem e no fato de que o uso das palavras ocorre dentro de certos contextos de ação. Tais contextos de ação, nos quais os usos das palavras se entrelaçam com as ações, são os jogos de linguagem.

A partir dessas análises e direcionamentos, surge a discussão da possibilidade de uma linguagem privada, isto é, uma linguagem na qual apenas o originador da mesma poderia conhecer ou saber o que as palavras significam, uma vez que se tratariam de eventos interiores ao mesmo e que só ele teria acesso. Esta discussão, tradicional agora na filosofia, e que se inicia na seção 243 e segue até seção 315 do texto das *Investigações Filosóficas*, termina, como já se disse mais acima, por negar a plausibilidade da privacidade do significado, dado que as regras que o originador deveria empregar para construir sua linguagem devem ser públicas. Isto é, o originador ou possível privatista deverá empregar regras que aprendeu de forma pública, ou seja, que outras pessoas também poderiam aprender, e, portanto, a ideia de privacidade do significado não faz sentido. Ao mesmo tempo, a implausibilidade da privacidade do significado conduz a questionar a concepção de que o mundo interior poderia ser um âmbito separado do mundo exterior, devido ao

1 A introspecção é aqui definida como o exame de nossas próprias ideias e sentimentos. Por definição, este exame apenas pode ser realizado pela pessoa que tem acesso ao que vai examinar, isto é: a suposição básica da proposta de um exame introspectivo é a existência de um mundo interior privado e acessível apenas ao seu possuidor.

fato de que as palavras usadas para comunicar emoções e sentimentos devem seguir as regras de emprego para as mesmas.

Tais argumentos nos permitem compreender por quais razões a análise dos conceitos psicológicos realizada por Wittgenstein usa exemplos de emprego dos conceitos, mas não apresenta uma teoria psicológica e nem discute uma teoria deste tipo. Sua análise consiste em tratar dos casos de uso dos conceitos psicológicos em jogos de linguagem. Ou seja, ele analisa os conceitos em suas várias relações com as ações que estão ligadas ao emprego destes conceitos. Aqui, pode-se fornecer uma tentativa de explicação quanto ao que parece insatisfatório nesta análise: por um lado, somos impelidos a buscar, nas análises apresentadas por Wittgenstein, a mesma concepção de objetividade que se encontra em textos científicos ou de psicologia, isto é, uma hipótese ou teoria é apresentada, críticas são desenvolvidas ou, também, busca-se mostrar que uma determinada conclusão não se segue; por outro e, mais especificamente, no que diz respeito à palavra “psicologia”, busca-se encontrar certas afirmações acerca do que se passa na mente ou no interior de uma pessoa, isto é, procura-se algumas afirmações sobre o que são as emoções, estados internos, sensações, ansiedade etc.

Essas duas características da nossa maneira de conceber “como” deve ser um texto investigativo são frustradas quando se acessa à investigação de Wittgenstein sobre os conceitos psicológicos. Nos conjuntos de textos em que trata destes conceitos, encontram-se apenas três possibilidades de classificação dos conceitos e todas são deixadas de lado. Além disso, Wittgenstein, já desde o *Caderno Azul*, havia condenado o costume dos filósofos em tentar “copiar”, para suas investigações, o mesmo tipo de trabalho elaborado pelo cientista, o qual consiste em criar hipóteses experimentais e testá-las. Portanto, ele não faria uma tentativa de investigação em que o método científico fosse o modelo a ser seguido. No que diz respeito à segunda maneira como se acessa as investigações na psicologia, encontra-se em Wittgenstein a busca por compreender a “imagem” de que seres humanos são compostos por dois âmbitos, por assim dizer: o âmbito mental ou interno, em contraposição ao âmbito externo ou físico, o qual incluiria o corpo. Esta segunda característica explica por qual razão Wittgenstein não busca, em sua filosofia da psicologia, desvendar ou revelar *que tipo* de atos, eventos ou estados estariam contidos nas definições de conceitos psicológicos. Antes, sua tarefa é compreender como a imagem de “interno/externo” se impõe ao entendimento em relação ao vocabulário psicológico e quais prejuízos ela traz em relação a se compreender os usos destes conceitos.

3.

Ao evitar o método da definição ostensiva e, conseqüentemente, não usar a introspecção como caminho para encontrar uma definição dos conceitos psicológicos, Wittgenstein corre o risco de admitir que os conceitos psicológicos apenas poderão ser compreendidos em seu uso, a partir do comportamento. No entanto, ainda que não negue o papel importante do comportamento na compreensão do uso destes conceitos, ele também não aceita o comportamentalismo como saída. No texto das *Investigações Filosóficas*, ele apresenta seu interlocutor acusando-o de ser um comportamentalista disfarçado (IF, §307) e, ao negar que seja este o caso, chama a atenção para os primeiros passos que esta atribuição pressupõe, isto é, de que se fala de estados e eventos mentais, os quais ainda não foram definidos (IF, §308). Chama a atenção para a expressão “conhecer um processo mais de perto” que leva a buscar a observação de que algo que acontece num meio que ainda não se consegue definir, apesar de se acreditar que já foi identificado, isto é, que se tem um mundo interior que distinguimos de nosso comportamento ou do mundo exterior.

Neste raciocínio, aplica-se uma imagem do que seja observar um processo: ele tem início, meio e fim; pode ser acessado através da observação. Ou seja, se assim se define processos, então, um “processo espiritual” (IF, §306) deve ter a mesma constituição, mas com outra qualidade, uma vez que ocorre no espírito. Ao se negar que tais processos ocorram, tudo se parece a dizer que o local onde ocorrem também é negado. No entanto, Wittgenstein não nega que exista mundo interior ou que a expressão “agora me lembro que...” tenha significado. O caso é que, como todos os conceitos psicológicos, a imagem de que fazem referência a algo paralelo ou concomitante ao mundo físico sugere a concepção de que devem ocorrer no mundo “não-físico”, isto é, na alma, mente ou mundo interior. Tal esclarecimento, dirá Wittgenstein, é o que “nos causa perplexidade, pois desmorona a comparação que deveria nos ajudar a tornar nossos pensamentos compreensíveis para nós” (IF, §308). Parece que se está negando os processos espirituais ou mentais, mas, diz ele, “é evidente que não se pretende negá-los”.

Uma possível rota de solução para o paradoxo que agora se apresenta é a consideração quanto ao que Wittgenstein considerou como critério para proferimentos em primeira e terceira pessoa, isto é: proferimentos em primeira pessoa são expressivos e em terceira pessoa são informativos. Isso leva à consideração de como se deve definir ou compreender o conceito “expressivo” no contexto da filosofia da psicologia de Wittgenstein, ainda que, quando apresentou a distinção, não tenha fornecido uma definição específica, mas apresentado casos em que os conceitos são usados de forma que se possa qualificá-

los como expressivos. Uma das principais características do uso expressivo dos conceitos é a de que não são usados a partir exclusivamente de seus significados, na medida em que suas situações de emprego, bem como os objetivos de seu uso são relevantes para a compreensão dos mesmos.

Assim, por exemplo, a afirmação “Eu sinto dores” possui certas condições de uso, as quais incluem o comportamento que a pessoa que a profere apresenta após enunciá-la, a situação em que é anunciada, e também o que a pessoa a quem se endereça poderá fazer. Na seção 310 das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein apresenta o caso de dizer para outrem que sente dores e descreve as possíveis atitudes que tal pessoa poderá ter: credulidade ou incredulidade, confiança ou desconfiança. Estas atitudes não são o resultado de operações intelectuais, mas elas próprias são a expressão da atitude da pessoa ou, como comenta Wittgenstein: “Sua atitude é a prova de sua atitude”. Isso significa que se tem de compreender uma atitude como sendo algo mais do que simplesmente uma manifestação física. A atitude é a expressão de como aquela pessoa considera a dor que está comunicando que tem. Nessa perspectiva, a expressão também pode ser considerada como parte de um gesto, uma “atitude para com” e, da mesma forma, incluir aspectos do que se chama de “semblante”.

4.

Como já apontado anteriormente, Wittgenstein tentou elaborar algumas classificações dos usos dos conceitos psicológicos com o intuito de encontrar alguma característica que os distinga. Após algumas tentativas, ele abandona a tarefa e concentra suas análises em dois tipos: conceitos psicológicos são expressivos no uso em primeira pessoa e informativos no uso de terceira pessoa. Contudo, não se deve considerar que ao qualificar uma sentença ou conceito como “expressivo” já se disse tudo sobre o mesmo, posto que isto apenas implicaria numa qualificação de tipos de conceitos. Tal classificação não diz como os mesmos devem ser usados. Quanto a esse raciocínio, considere-se o seguinte exemplo: a sentença “Eu tenho a intenção de ler o livro N”. Se a qualificamos como “expressiva”, a retiramos do jogo de linguagem para com a verdade ou falsidade, isto é, ela não visa descrever fatos. No entanto, sendo ela expressiva, isso implica que se deve considerá-la em sua relação para com as ações que estão interligadas no seu uso, ou se pode dizer, na sua situação de proferimento. Assim a sentença, a princípio, por sua forma, diz algo sobre uma intenção, mas, sendo ela expressiva, não se trata de um relato de uma determinada intenção, a qual se tem no momento em que é enunciada, isto é, não se trata de descrever a intenção. Antes, a própria sentença deve ser considerada como a expressão da nossa intenção.

Esse raciocínio remete ao que, mais acima, Wittgenstein disse quanto à atitude diante de quem “relata” suas dores: “sua atitude é a prova de sua atitude” (IF, §310). Existe aqui algo que se pode denominar como “relação interna” entre a sentença que expressa a intenção e a (própria) intenção, da mesma forma que há uma relação interna entre a atitude diante de quem relata ter dores (a pessoa que expressa compaixão) e a prova da mesma (isto é, que ela sente compaixão). Isso, por sua vez, leva a considerar que enunciados quanto ao mundo interior estão relacionados com nossas ações para com as mesmas. A partir dessa afirmação, da correlação entre o proferimento expressivo e a ação, pode-se ponderar que a classificação dos conceitos como expressivos ou descritivos ainda não seria suficiente, pois não explicaria como tais conceitos são realmente usados.

A fim de esclarecer um pouco mais o raciocínio apresentado, retome-se aquele caso exemplificado pela palavra “intenção”: pode ser o caso de que proferir aquela sentença não implique que, de fato, se irá ler aquele livro, mas se tenta causar algo na pessoa para quem é dirigida; suponha que a sentença foi direcionada para uma pessoa que não aprecia aquele livro ou aquele tipo de literatura; pode ser também que seja uma admissão de concordância como se fosse dito “Estou com você! Vou ler tal livro”, entre outras possibilidades. Ou seja, ainda que o uso em primeira pessoa (tenho a intenção de...) seja classificado como expressivo e que, na terceira pessoa, a sentença seja informativa, este passo classificatório ainda é inicial, no que diz respeito ao uso desses tipos.

Não se trata de minimizar a validade ou importância da concepção de uso expressivo de conceitos e sentenças, mas, sim, de indicar que tal aspecto diz respeito apenas a uma classificação dos mesmos. É preciso considerar ainda que as aplicações ou usos desses conceitos sofrem a influência da imagem aplicada ao mundo interior e que é sugerida pela própria linguagem quanto à existência de dois âmbitos no ser humano, a saber, o âmbito interno e o âmbito externo. Logo, classificar o conceito *intenção* como um conceito expressivo, quando usado na primeira pessoa do singular, e, por outro lado, informativo, quando usado na terceira pessoa, é dizer algo sobre as palavras. Talvez, por tal razão, Wittgenstein tenha inserido, no final da passagem citada mais acima, as palavras “não de todo correto”, abandonando, conseqüentemente, a busca por uma classificação dos conceitos psicológicos.

Certamente, neste ponto se tem por base uma interpretação dos argumentos de Wittgenstein a fim de lhes fornecer compreensibilidade. O mesmo tipo de atitude aparece no ensaio do filósofo Joachim Schulte, *Experience and Expression* (SCHULTE, 1995), que, ao tratar do tema, também considera que a falta de explicações para o abandono das tentativas de classificação dos conceitos psicológicos por parte de Wittgenstein se deve a sua insatisfação com a mera classificação, porquanto isto ainda não diz o que há

de essencial no seu emprego (SCHULTE, 1995, p. 33). A classificação não é nada mais que um meio para atingir a clareza quanto ao possível critério que se necessita e, nesse sentido, não tem por objetivo outra coisa que não servir como princípio orientador para outro caminho na investigação. Não é um fim em si, mas um meio que contribui para a descoberta de questões úteis e para nossa decisão quanto à validade de possíveis respostas. Ou seja, é necessário considerar que o uso expressivo dos conceitos psicológicos e seu uso informativo, na terceira pessoa, devem ser analisados em conjunto com as circunstâncias de seu emprego, as quais incluem atitudes e comportamentos das pessoas que os enunciam nas mesmas. Isso quer dizer que os conceitos são usados em situações de emprego e não como se fossem pronunciados num vazio de ações.

5.

Ao chegar a este ponto e considerando que existe relação entre uso expressivo e ação, alguém poderia argumentar o seguinte: ora, todas as tentativas de classificação foram abandonadas e, mais ainda, o próprio uso expressivo é tomado como uma classificação de palavras, pois faltaria sua relação para com as ações com que estão relacionadas. Portanto, não seria isso incidir num certo tipo de comportamentalismo? Não estaria Wittgenstein alegando que o importante, e relevante, para a compreensão dos conceitos psicológicos é o que a pessoa faz, como ela age quando alega ter dor ou que tem uma determinada intenção? Se as atitudes das pessoas, quando usam sentenças contendo conceitos psicológicos, é um elemento relevante para o significado do que dizem, não é isto eleger o comportamento como critério do âmbito psicológico? Ora, em momento algum Wittgenstein alega ser o comportamento de uma pessoa, ao usar conceitos psicológicos, o critério distintivo para o que se passa nela. Mas, ao mesmo tempo, não retira a relevância das atitudes e comportamentos. Isso significa dizer que o comportamento, as atitudes da pessoa, em conexão com o que diz, é um sinal para se compreender o que se passa com ela ou, também, para o que fazer em relação ao que ela diz sobre si mesma.

Nesse ponto, cabe lembrar as palavras de Wittgenstein na citação mais acima, quando responde ao seu interlocutor sobre a desconfiança de que, para ele, apenas o comportamento é relevante, isto é, o interlocutor desafia Wittgenstein a uma contraposição cujos termos não são explicados: comportamento em comparação com estados mentais. Ao que, especificamente, se está contrapondo o comportamento? Certamente que a processos e eventos psicológicos que não são comportamentais. No entanto, nessa oposição não foi oferecida uma definição do que sejam tais eventos e processos.

Surge novamente aqui a aplicação da imagem “interno - externo” que obriga ou impele a buscar por contrastes a diferença entre mundo interior e comportamento. As palavras iniciais da seção apresentam a influência dessa imagem no raciocínio de Wittgenstein: “Como é que se chega ao problema filosófico dos processos e estados psíquicos e o behaviorismo?” (IF, §308). Os primeiros passos são imperceptíveis, diz ele, “usamos os conceitos mas não temos claro para nós a que devemos aplicá-los”. Na verdade, o comportamento da outra pessoa, em relação ao que ela diz quanto a seus estados interiores, é um caminho para compreender tanto o que diz sobre si própria quanto a expressão do que ocorre nela. A imagem da dicotomia “interno - externo” sugere que aquilo que se pode observar, seu comportamento, se contrapõe a algo do mesmo tipo, isto é, ocorrências que não se consegue observar. Estes eventos estão escondidos.

Não obstante, por qual razão se deseja que sejam observáveis? Qual situação será resolvida se se conseguir observá-los? Por exemplo, se alguém diz que está triste ou tem tal e tal intenção, por qual razão saber se ele, de fato, tem aquela intenção acrescentaria algo ao que se pode fazer a partir do que ela nos diz? Será a certeza quanto ao que se passa nesta pessoa o que fará alguém agir a partir do que diz? Essas mesmas observações ocorrem a Wittgenstein nos escritos de *LWPPii* (p. 21-22) quando ele se pergunta sobre o significado ou a importância da afirmação “Tenho certeza de que ele tem dor”. Como se usa esta expressão? Qual a expressão de certeza no comportamento que permite que se esteja certo de que a pessoa tem dor? Ou seja, o comportamento da pessoa será o caminho, por assim dizer, para compreendê-la, mas, ao mesmo tempo, não é este o objetivo pelo qual é importante saber que ela tem dor e, sim, o que se fará a partir do que se compreende do que esta pessoa apresenta. Logo, o importante é saber o que significa, ou qual a relevância do que ela diz, e não o estado de conhecimento quanto ao que se pode saber sobre o mundo interior desta pessoa.

Ao comentar esse aspecto da argumentação de Wittgenstein, Schulte (1995, p. 50) lembra que Wittgenstein usa o conceito “expressão” em circunstâncias, num primeiro momento, bastante díspares: a expressão do comportamento e a expressão estética, tal como compreender uma passagem musical. Ou seja, assim como se tem de compreender a expressão da dor, a expressão de uma sensação, também se tem de compreender a expressão de uma passagem musical a fim de explicá-la para outra pessoa. Ora, ao ensinar alguém a compreender certa passagem musical, também se ensina algumas técnicas musicais, além de outras técnicas que ela já deve possuir. Mais ainda, como se lhe ensinará a elaborar uma certa avaliação ou interpretação daquela passagem, as palavras que serão usadas tendem a ser expressivas; se usará de certas comparações com situações, se pedirá que a pessoa compare a passagem com certo aspecto de uma paisagem ou com uma cor, por exemplo. E

o que tal pessoa adquirirá não será, especificamente, conhecimento, mas uma nova forma de ver aquela passagem em específico.

Neste viés, pode-se ter um sistema para lhe ensinar, mas este sistema não obedece a regras estritas e nem se apoia em hipóteses. Os conceitos, nestes casos, serão usados de maneira metafórica, mesmo que se lhe solicite que compare certo tom da melodia com algum aspecto de uma paisagem ou de uma pintura. Ao fim e ao cabo, não se falará de uma experiência específica, tal como uma vivência, mas de aspectos e nuances de algumas experiências que ajudarão a fazê-la compreender a passagem musical. Segundo argumenta Schulte (1995, p. 50 e segs), a lição que se deve retirar dessas análises de Wittgenstein é que qualquer aspecto que pareça específico nas experiências de compreensão da passagem musical, compreensão da expressão da dor e da intenção, terão de basear-se num jogo de linguagem relevante para a situação.

Ao mesmo tempo, a alegação de que não há objetividade nesses casos de compreensão baseia-se em algo ainda não esclarecido, pois o que leva a questionar se uma expressão é correta ou incorreta, apropriada ou não, depende de quais regras permitem construir julgamentos para estes casos. Por exemplo, assim como é possível não compreender certa passagem musical, também é possível não compreender certa expressão de dúvida ou de insegurança nas atitudes de alguém. Tal incompreensão tem base na falta de algum tipo de conhecimento objetivo atuando na situação? Mas que tipo de consideração “objetiva” poderia auxiliar ou ensinar a compreender corretamente nestes casos? Por exemplo, aprender teoria musical, para o caso da passagem musical, e alguma informação sobre comportamento, em outro? Mas se trata de algo específico que não é compreendido ou não se conhece? Aqui, argumenta Schulte (1995, p. 53), “tudo depende do jogo de linguagem e não de alguma definição essencialista, que não conheço, sobre algum tipo de fato específico”.

A partir de tudo que se expôs até agora, a filosofia da psicologia de Wittgenstein não visa descobrir aspectos ou, melhor, conhecimentos específicos quanto ao que seja o mundo mental, para só então explicar como se deve usar os conceitos psicológicos. A tarefa é, antes, descrever os usos que se faz destes conceitos nos jogos de linguagem em que aparecem ou em que são usados. Não é necessário que alguma ciência do cérebro ou neurociência forneça uma teoria com base na qual estes conceitos tenham seus significados explicitados, já que eles são efetivamente usados por todas as pessoas nas interações cotidianas com os mesmos. A incompreensão quanto ao que se passa no interior de outra pessoa é algo que interessa tanto quanto ter acesso ao seu diário pessoal, o qual ela, por motivos particulares, escondeu da visão pública.

Nessa perspectiva, a perplexidade não diz respeito à falta de conhecimento de algo específico ou essencial, mas às circunstâncias de sua atitude. A ideia de que aquela pessoa “esconde algo” – seus sentimentos, emoções, pensamentos e intenções – é algo que ocorre em certas situações. É possível descrever tais circunstâncias?, pergunta Wittgenstein. E se não se pode descrever, por quais motivos? Ora, é possível fornecer descrições mais ou menos claras destas circunstâncias nas quais se confia ou desconfia que se sabe que aquela pessoa está triste, por exemplo. “Alguém me ensinou a fazer isto”, pergunta o interlocutor de Wittgenstein. “Sim”, responde ele, “mas não se trata de ensinar a reconhecer algo específico, mas de ensinar a observar os sinais, tal como observamos os sinais externos da pretensa tristeza” (LWPPi, §971 - §972).

O resultado dessas observações não pode ser sistematizado como uma lista completa, pois é, desde o início, uma lista incompleta. Por exemplo, uma lista das possíveis atitudes frente a relatos de intenção, relatos de dor, entre outros. Ora, quem estaria interessado nesse tipo de lista, uma vez que se assume desde o princípio como incompleta? Teria tal lista algum uso prático? A resposta de Wittgenstein a estas questões é que “este jogo não funciona desta forma”. Não há algo faltando, pois nada está escondido, e se, por acaso, estivesse escondido e se isso fosse assumido desde o início, então não interessaria para o caso. Assustado com essa conclusão, o interlocutor alega: “posso esconder meus pensamentos de outra pessoa”. Ao que Wittgenstein responde: “Sim! Da mesma forma como pode esconder seu diário, e o fato de eu procurá-lo origina-se no interesse que tenho pelo que nele está escrito” (LWPPi, §972). Nesse sentido, “seus pensamentos estão escondidos para mim, é um pleonasma” (LWPPi, §975).

Por fim, a concepção de que se diz algo para si mesmo e que outra pessoa não tem acesso ou que está escondido dela, ou que é uma questão de processos mentais que ocorrem num âmbito privado interno, não resolve nada, pois, neste caso, também será um processo físico que se pode conceber como “escondido”. Considera-se que pensar em silêncio para si próprio está escondido do outro, mas isto pode apenas significar que ele não pode “adivinhar” o que seja o caso, por esta ou aquela razão. Isso não significa, todavia, que seja imperceptível para outra pessoa por estarem “escondidos em minha alma”. O exterior não deve ser considerado necessariamente como uma fachada (Wittgenstein usa aqui a palavra “façade”) por detrás da qual forças mentais operam. Ou, tal como escreveu Wittgenstein numa variante deste raciocínio, “mas você não tem de pensar desta forma. Se uma pessoa fala comigo, claramente sem esconder nada, então nem sempre sou tentado a pensar desta forma” (LWPPi, §978 e nota). Nesse sentido, o mundo interior se expressa no comportamento, ainda que não se possa, sem cometer enganos, afirmar que o mundo interior é o comportamento. Mesmo porque o comportamento humano é imprevisível.

E como seria se fosse previsível? “Como devemos imaginar este caso? Que ligações deveríamos pressupor?” (Zettel, §603 - §604; RPPii, §663 - §664).

Conclusão

Na filosofia da psicologia de Wittgenstein, não há uma busca por tentar estabelecer algum tipo de visão geral teórica sobre o mundo mental e nem uma tentativa inacabada de classificar os conceitos psicológicos em tipos, a saber: expressivos ou descritivos. O que Wittgenstein fornece é uma consideração quanto a vários aspectos do uso destes conceitos, indica o quanto a concepção de que o comportamento é apenas uma fachada, leva a postular um âmbito para lá das atitudes e que – conforme o ponto de vista – seria a origem do comportamento. A filosofia da psicologia é a tentativa de compreender a gramática dos conceitos ordinários sem que sejam expressão de teorias inacabadas e primitivas.

Certamente que o leitor que até aqui acompanhou este ensaio não se sentirá satisfeito se sua busca é por uma explicação teórica dos conceitos psicológicos ou uma teoria filosófica da psicologia. O que Wittgenstein nos oferece como investigação não pode ser classificado dentro dos critérios tradicionais, isto é, Dualismo, Materialismo ou Comportamentalismo. Sua investigação é essencialmente conceitual e seus conceitos devem ser compreendidos dentro dos jogos de linguagem em que são usados. Tais jogos consideram as circunstâncias de uso, as quais também são as circunstâncias da vida que levam alguém a ter confiança na crença de que a outra pessoa está triste, tal como afirma, e que, por outro lado, conduzem esse alguém a desconfiar de suas palavras e atitudes. Ou seja, os conceitos psicológicos são considerados dentro do fluxo da vida ou, como Wittgenstein afirmou nas *Investigações Filosóficas* (IF, §90a),

é como se tivéssemos de penetrar os fenômenos, mas nossa investigação não se dirige aos fenômenos, e sim, como poderia dizer, às possibilidades dos fenômenos. Isto quer dizer que meditamos sobre a “espécie de asserções” que fazemos sobre os fenômenos.

Essas asserções fazem parte do fluxo da vida tanto quanto os fenômenos que causam perplexidade e instigam a investigar. Acreditar que tais asserções são partes de teorias primitivas ou que apenas poderão ser claramente compreendidas se alguma teoria fornecer fundamentos unificados para o que seja o mundo interior será claramente a busca por especulações metafísicas que apenas confundirão as fronteiras entre aquilo que é gramatical e aquilo que é empírico.

Referências

Schulte, J. **Experience and expression**. Wittgenstein's philosophy of psychology, Oxford, Clarendon, 1995.

Wittgenstein, L. **Zettel**, Berkeley, Univ. of California Press, 1970.

Wittgenstein, L. **Remarks on the philosophy of psychology**, Vol. 1, Chicago, Chicago Univ. Press, 1980a.

Wittgenstein, L. **Remarks on the philosophy of psychology**, Vol. 2, Chicago, Chicago Univ. Press, 1980b.

Wittgenstein, L. **Investigações filosóficas**, São Paulo, Nova Cultural, 1980c.

Wittgenstein, L. **Last writings on the philosophy of psychology**, Vol. 1, London, Blackwell, 1982.

Wittgenstein, L. **Last writings on the philosophy of psychology**, Vol. 2, London, Blackwell, 1992.





Dinos Alegria